Exercícios de leitura

Professor Gabriel - 24/2/2023

Olá, galera do Me Salva! Nas aulas anteriores, vimos que a leitura do mundo surge antes mesmo da leitura da palavra. E, é claro, a leitura de mais textos pode continuar ampliando a nossa visão de mundo. Por conta disso, os atos de ler e escrever podem ser bem políticos, e vemos isso nos temas de redação cobrados pelo próprio ENEM. Vamos ler e analisar alguns textos que propõem visões críticas do mundo?

Parte I - O que é ler?

Tarefa de casa da semana passada: assistir à aula “O que é ler?”.

A aula levantou alguns tópicos que retomo aqui:

- A leitura envolve uma transformação do sujeito que lê. O que lemos pode influenciar a forma como nos posicionamos no mundo.
- Texto não é só algo escrito, verbal. Obras não verbais (imagens, sons, texturas) também são textos!
- Ler é construção de sentido, e essa construção é feita a partir da relação entre quem escreveu e quem lê.
- Leitor ressignifica o texto a partir de sua bagagem cultural. Toda vez que o leitor lê um texto, ele de certa forma recria este texto.

Parte II - Vocês conhecem o teste de Bechdel?

A gente já leu memes, rótulos de embalagem de inseticida, recomendações da OMS, conto, charge, pintura, poema e outros gêneros textuais. Nesta aula, faremos mais alguns exercícios de leitura interessantes e críticos.

Vamos submeter algumas obras de ficção ao teste de Bechdel. Pensem em um filme/série/livro que vocês conheçam e façam o teste pra ver se a obra passa ou não. A partir disso, compartilhem o resultado no aha.

Teste de Bechdel:

1) **O filme tem duas ou mais personagens femininas com nomes?**
2) **Elas conversam entre si?**
3) **O assunto da conversa é algo que não seja homens ou assuntos relacionados a romances?**

O teste foi criado em 1985, quando a cartunista Alison Bechdel fez uma tirinha ironizando os filmes da indústria hollywoodiana que representam as mulheres de forma estereotipada e clichê.

Pra começar, trago aqui uma lista de filmes/séries famosos de 22/23 pra gente analisar:

- Tudo em todo lugar ao mesmo tempo
- Avatar 2
- Doutor estranho no multiverso da loucura
- Pantera Negra 2
- Não! Não olhe!
- Gato de botas 2
- The last of us
- Marte um
- Elvis
- Blonde
- Nada de novo no front
- A casa do dragão
- Os Anéis de Poder

Fonte: https://www.hypeness.com.br/2019/04/criadora-diz-que-teste-de-bechdel-era-apenas-uma-piada-sumiria-se-nao-fossem-as-feministas-do-cinema/

Hora do intervalo!

Bebam água, se mexam um pouco e se preparem para a próxima parte da aula <3

Parte III - Leitura de um conto

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco.

Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Estávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorríamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todos os nossos ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

(In: *Olhos d'água*, p. 15-19, livro de contos de Conceição Evaristo

Disponível em:
http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/929-conceicao-evaristo-olhos-d-agua

Parte IV - O conceito de escrevivência

O texto reproduzido abaixo está disponível no site do jornal da USP: https://jornal.usp.br/ciencias/literatura-de-conceicao-evaristo-resgata-a-ancestralidade-negro-brasileira/

Conceição Evaristo é uma das maiores personalidades da literatura contemporânea feminina brasileira, homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti, em 2019, cujas obras resgatam a ancestralidade e recuperam a genealogia "negro-brasileira", retratando o cotidiano das mulheres negras, os preconceitos que enfrentam nos âmbitos social, cultural e político. A literatura negro-brasileira é um instrumento de concretização para o não colonialismo, a "decolonialidade", na medida em que as mulheres se "autorrepresentam e autoficcionalizam-se", pois, falar de si, é falar do coletivo.

No artigo A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em Olhos d'água (2018), os autores associam o texto literário com a história, em relação "ao lugar do tempo, da temporalidade e da presença das ancestralidades", com o objetivo de observar a criação textual que estabelece um vínculo entre as mulheres "pela sororidade e pela dororidade, partindo do que Conceição Evaristo, enquanto teórica, conceitua como Escrevivência". A obra dela e de outras autoras, como Ana Maria Gonçalves, Lívia Natália, Jarid Arrais, Cristiane Sobral, dentre outras, contam com uma característica comum – a genealogia feminina, acrescida de uma peculiaridade: "uma árvore que tem como raiz uma mulher que segura na mão da outra e assim, em um movimento espiral e de escrevivências", declaram os pesquisadores.

Conceição Evaristo desempenha, na atualidade, um papel fundamental na literatura negro-brasileira, reverenciando suas ancestrais como parceiras tanto pela condição feminina quanto por serem negras, seguindo caminhos de lutas e de dores, compartilhados nas personagens femininas atadas pela representação simbólica da cor dos olhos, no conto Olhos d'água. Nesse conto a história, o tempo e a ancestralidade são instrumentos de concretização da liberdade de autobiografar-se e de representar a si própria, sem barreira de terceiros: "É vivendo, se vendo e vendo o outro como partícipe que mantém seu olhar pairando no passado e no presente, questionando-se sobre o futuro".

Tarefa de casa

Assistir à aula "O que é literatura?":

https://www.mesalva.com/app/conteudos/elit001-o-que-e-literatura?contexto=conteudos%2Fintroducao-ao-estudo-das-linguagens&modulo=elit-estudos-literarios
Vejam apenas o primeiro vídeo, tá? Não é necessário ver o módulo todo.